

A luta por mais verbas na LDO 2007

# "Política do professor quebra-galho é um desrespeito aos alunos", denuncia docente substituta

A postura dos reitores da Unesp, USP e Unicamp na Assembléia Legislativa, defendendo um percentual do ICMS absolutamente insuficiente para manter estas instituições com qualidade (*confira matéria na página 4*), é inaceitável quando confrontada com a realidade das universidades estaduais paulistas.

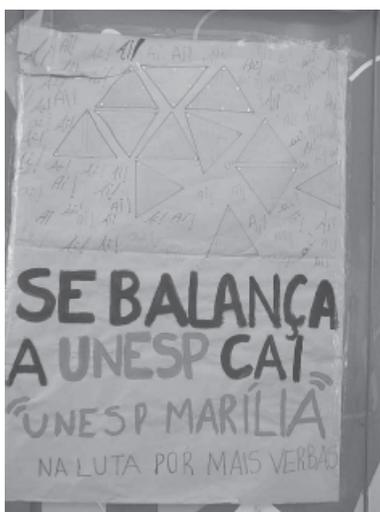
Os já insuficientes recursos a elas destinados tornaram-se ainda menores diante da expansão de cursos e de vagas que teve início a partir de 2002. O que já era uma realidade em muitas unidades – falta de professores e funcionários, arrocho salarial, instalações insuficientes, infraestrutura laboratorial frágil, assistência estudantil precária etc – agravou-se nos últimos anos.

No caso da Unesp, que experimentou uma acelerada expansão durante a gestão Trindade, sem que houvesse a devida contrapartida de recursos por parte do governo, os problemas se acumulam.

Já em 2002, em paralelo à forte greve de servidores e docentes, os estudantes das três universidades protagonizaram uma mobilização muito aguerrida contra essa situação. Através de ocupações, protestos e paralisações que chegaram a durar mais de três meses, como no caso da FFLCH/USP e de diversas unidades da Unesp (Marília, Assis, IA), eles colocaram na rua as reivindicações mais sentidas da comunidade acadêmica. No campus de Marília, por exemplo, a ocupação deu origem a uma greve que envolveu os cursos de Ciências Sociais, Biblioteconomia, Filosofia e Pedagogia. Na época, eles já denunciavam a aguda falta de professores, problema que era suprido, em parte, por contrata-

ções precárias, como é o caso do substituto. Nos anos seguintes – 2003 e 2004 – a Reforma da Previdência feita pelo governo Lula provocaria uma corrida à aposentadoria docente, agravando ainda mais a situação.

Em 2006, a falta de



21/6/2006: Alunos da Unesp denunciam os problemas da Universidade e pedem mais verbas na LDO 2007

professores continua sendo uma chaga na Universidade. Na audiência pública realizada na Assembléia Legislativa no dia 21/6/2006, uma inconformada estudante de Marília pediu a palavra para denunciar a precariedade do funcionamento do campus, principalmente pela falta de professores e de assistência estudantil.

## Substituta... até quando?

A necessidade de expansão no quadro de professores e funcionários é apontada por quase todas as unidades da Unesp. Em entrevista ao *Jornal do Sintunesp*, uma docente, que prefere não ser identificada, relata que já foi contratada em "caráter emergencial", ou seja, como substituta, por diversas

vezes. Em todas elas, teve que prestar concurso e pagar taxas, mas a contratação (por 12 horas aula) só tem a duração de dois bimestres letivos. E, não bastasse o tempo exíguo para fazer o trabalho em sala de aula, a burocracia do processo ainda se encarrega de atrasar por quase dois meses a "posse" efetiva. Conclusão: o semestre fica limitado, na prática, a um bimestre de aula, o que compromete qualquer possibilidade de um trabalho pedagógico de qualidade. A turma fica desmotivada, "desaquecida", sem saber quem dará aulas daquela disciplina no próximo ano... e se alguém dará.

"Os alunos batalham muito para conquistar uma vaga na Unesp e merecem um ensino de qualidade", considera a docente. Para ela, a Universidade acabou por institucionalizar a política do professor "quebra-galho", o que significa um grande desrespeito aos alunos.

## Qual universidade?

É este quadro que os nossos reitores consideram ideal para o funcionamento de três das melhores universidades do país? Ao defenderem um percentual de verbas tão rebaixado para Unesp, USP e Unicamp, acabam sendo cúmplices da política de sucateamento do ensino superior paulista, levada a cabo por governos como o de Alckmin/Lembo.

Se a comunidade acadêmica advoga mais recursos para as universidades, é porque sabe que a contratação de professores em tempo integral e do número necessário de funcionários, por concurso público, é parte fundamental no processo da qualidade.



Acima, faixa no campus de Rio Preto. Ao lado, audiência pública na Alesp, em 13/6/2006



Acima e à esquerda, manifestações na Alesp, respectivamente em 13 e 21 de junho. Luiz Carlos de Freitas Melo, diretor do Sintunesp, fala aos manifestantes